

Miguel Horta

Dacoli e dacolá



FICHA TÉCNICA

Título

Dacoli e dacolá

Autor

Miguel Horta

Coordenação Editorial

Rui Alexandre Grácio

Ilustração

Miguel Horta

Design Gráfico e Paginação

Grácio Editor

Impressão e acabamento

Tipografia Lousanense

2ª edição: março de 2014

ISBN: 978-989-8377-55-5

Dep. Legal: 373055/14

© Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 3º

3000-151 Coimbra

Tel/Fax: 239 832 064

E-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos



Livro recomendado para o 4º ano de escolaridade, destinado a leitura autónoma.



Eu quero é ir para a «terra»!

No final de cada semana de aulas, habitualmente sexta-feira, Daniel escutava sempre a mesma frase dita por João, seu colega de carteira:

— Amanhã vou para «a terra»!

E «a terra» de João era longe, Canas, Canas de Senhorim, de que ele falava muitas vezes, até nas composições que a professora pedia na sala de aula. Assim, chegado o fim de semana, lá partia João com os pais rumo ao norte...

Daniel pensava então:

— E a minha terra? Se nasci aqui em Lisboa... Então sou daqui.

A cada segunda-feira, no regresso de João, Daniel sorvia com avidez as narrativas e descrições do seu amigo, passadas lá em Canas. Falava-lhe do Carnaval com os seus divertidos pisões, terminando a festa em despique bravo nas quatro esquinas. Da sua avó sábia, mestra na arte do queijo e sempre arranjando um momento para cozer magníficos bolos que ele comia regalado nas tardes chuvosas. Ou, ainda, daquela história divertida da porca preta que resolveu fugir mesmo no dia da matança e que, embora perseguida por uma família



inteira através dos quintais, ganhara a sua liberdade. Talvez ainda lá viva, para os lados do Mondego, com um simpático javali.

E aquela serra, todinha, vestida de branco... Depois, o amarelo do tojo vencendo o Inverno.

Ainda por cima Canas tinha um Rossio, algo muito familiar para Daniel, menino lisboeta.

Daniel ficava a pensar em Lisboa, com as suas praças e avenidas apressadas, sendo tomado por uma expressão triste de quem não pertence a lugar nenhum.

Era uma coisa estranha, isso de todos os lisboetas serem sempre de outro lugar.

E Canas? Uma ideia começou a germinar na cabeça de Daniel:

— Quando for grande, quero é ir a Canas!

Até sonhou com aquela Canas imaginária.

Um dia, chegava o pai do trabalho, Daniel perguntou-lhe:

— Pai, porque é que nós não «vamos à terra»?

— Porque a nossa terra é aqui... — Respondeu o pai.

— Mas esta cidade parece não me pertencer...

— Vou contar um segredo... A nossa terra é onde está o nosso coração e o nosso coração sabe sempre o seu lugar.

Uma coisa Daniel não sabe, mas eu, como contador desta história e vocês como seus leitores, sabemos: um dia, Daniel irá finalmente a Canas! Lá conhecerá a irmã de João, a Inês, e encontrará o amor naquela bela rapariga nascida ali mesmo na Póvoa...

O seu coração fará uma escolha, descobrindo finalmente a terra por que tanto ansiara.

Pois, como seu pai tinha dito: o Coração conhece bem o seu lugar...